

O Castanheirense

Fundador: DR. JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO

AVENÇA

Jornal Regionalista — Por Castanheira de Pêra e Região

ANO X	Redacção, Administração e Oficinas: Castanheira-de-Pêra — Telefone 16	Director e Editor: Adriano José Sebastião Coelho	Propriedade das Of. Gráficas da Ribeira de Pêra, L.da Chefe da Redacção: António Maria Saraiva	N.º 314
----------	--	---	---	------------

LITERATURA contemporânea

A crítica é uma ciência que não se ilude nem destrói. É severa, mesmo implacável nos seus julgamentos sobre o valor real dum literato ou poeta que apresente um labor no mercado.

Comunicando hoje com a opinião pública, embaraça-nos a difficilima função cultural de elucidar sobre dois labores que pertencendo sua autoria a dois obreiros do pensamento pertencendo à geração de ontem, ajustam suas produções a esta época de modernismos com os seus talentosos pensadores, que dirigidos por *sui generis* orientação, nos afirmam com embofia que lhes fica a matar, serem eles os precusores da gigantesca revolução intelectual que ora impera...

Nós, procurando por todos os recantos desta bendita terra, não encontramos esse apregoado progresso em qualquer das manifestações a que pertencem Ciência em seus variados ramos, literatura e belas artes, substituindo as velharias *sem valor* que nos legaram: Garrett, Herculano, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Camilo, Eça de Queiroz, *quantos* outros da mesma estofa, já retirados do Proscénio da Vida e até à data não igualados.

Se a mocidade que se prepara com anseio de Amanhã dirigir os destinos da Nação, olha com despreendimento para quanto de grande construíram seus antepassados que nos surpreende vermos pessoas desarumadas do seu verdadeiro lugar na organização social, nesta época em que tudo é possível, mesmo o admissível...

Apresentou-se ao conhecimento e aprêço dos eruditos, doutos, letrados, resto daquela numerosa pleiade que acamaradou com os gigantes, um livro titulado «Fauilhas dum Lume Vivo», editado pela talentosa quão brilhante Escritora D. Adelaide Bramão, recordando-nos no dia em que completava um ano que retirára da existência seu querido e inolvidável marido D. Alberto Bramão, seu companheiro de luta na expansão do pensamento e na acção social, figura que pelo seu talento, qualidades cívicas, conquistou como literato, político, lugar de proeminência, apreciado, venerado, por quantos cidadãos com ele conviveram, trabalharam, nos anos da maior agitação, originada pela intensa propaganda republicana.

«Fauilhas dum Lume Vivo» que o escritor deixou pronto, é o espelho dos usos e costumes no viver do povo português. Em páginas apresentadas em riqueza vocabular, beleza na exposição, que sabia aliar à sua crítica, aquele «humour» que é um caracte-

(Segue na coluna lateral)

Contra o consumidor

Por DAVID CALADO

É pavoroso e alarmante o que se está passando com a alta constante e sempre crescente de tudo que é essencial à vida. Todos os géneros e artigos de primeira necessidade atingiram preços fabulosos, até hoje nunca vistos em Portugal. E o peor é que ninguém sabe até onde irá esta subida astronómica para o imprevisito. Os operários, trabalhadores e funcionários que têm auferido aumentos nos seus vencimentos e salários, é certo, mas esses aumentos são insuficientíssimos para cobrir o agravamento do custo da vida.

Li algures que «durante a guerra o povo português poupou globalmente 17 milhões de contos».

Salvo o devido respeito, parece-me que esta enorme quantia não deve ter sido poupada pelo povo, pois sendo assim quasi não se justificava a instituição do Socorro Social que tem acudido a tantos desgraçados componentes do povo.

Aquelles 17 milhões de contos devem ter sido arrancados ao povo pelos traficantes e exploradores que se valem de todas as oportunidades para amontoarem riquezas, seja como for.

Segundo o relatório do Montepio Geral — a mais antiga e poderosa instituição popular de socorro mútuo e de crédito na Península — na sua Caixa Económica, em 1945, as saídas de dinheiro foram cerca de 30.000 mais do que as entradas, o que dá uma pequena ideia do desfalque que estão sofrendo as pequenas economias.

Sendo os preços no comércio legal já incomportáveis, os do «mercado negro» tornam a situação asfixiante. Mas por insuficiência do racionamento ou porque não se encontram determinados géneros nas lojas, verifica-se que o «mercado negro» tem vasta clientela.

■ ■ ■

Foi durante a guerra de 1914 a 18 que a carestia da vida começou a manifestar-se sem retrocesso. Esse facto agitava as classes trabalhadoras que, por vezes, reagiram ruidosa e violentamente, reclamando aumento de salários — julgando ser esse o meio radical de equilibrar a situação económica. Mas o que sucedia? A cada aumento de salários feito a uma classe, correspondia um agravamento no custo da vida que a todos prejudicava. De modo que os trabalhadores nunca lucraram, absolutamente nada com os aumentos que conseguiram.

Terminada essa guerra o mal agravou-se ainda durante alguns anos, até começar a melhorar a situação a pouco e pouco.

Foi por essa época que apareceu a chusma dos «novos ricos», quasi sempre constituída por negociantes «melicianos». Também agora hão-de surgir «novos ricos».

Tem-se afirmado — e ninguém pode contestar — que o nível da vida em Portugal é muito baixo.

A crise mais dolorosa é suportada pelos pequenos proprietários de prédios com rendas antigas e pelos que vivem de pequenas reformas ou pensões. São estas as classes que dão grandes contingentes à pobreza envergonhada, a mais digna de comiserção.

Resumindo: A má situação económica do povo é devida à ganância dos que o exploram.

Maio!

CHEGOU o ridente mês o ridente mês de Santa Maria. Os

passarinhos vestem-se de novas plumagens e ensaiam novos gorjeos para saudarem a Mãe de Deus. As flores atapetam os caminhos e, ao desafio, procuram exalar os mais agradáveis perfumes. Como é linda a Natureza em Maio! As águas dos rios e dos arroios tornam-se cristalinas e na sua limpidez retratam-se os arvoredos, constituindo quadros de maravilha, que o pincel do mais hábil artista não seria capaz de reproduzir.

O astro-rei tem um fulgor desusado e ao seu calor bemfazejo aquecem-se as ervitas e as almas. E nas soleiras das portas as velhinhas, ao verem o desabrochar desta vida nova, relembram com saudade os seus tempos de meninas e saudam Maio, não como um inverno que se aproxima do termo da existência, mas sim como um fluxo rejuvenescedor que lhes traz uma grande esperança de mais felizes dias.

Maio! Maio! Nada há como tu que melhor acalente as ilusões da vida!

(Continuação da 1.ª coluna)

ístico britânico, focou episódios acontecimentos ocorridos entre políticos, literatos, que a sociedade de nossos dias deve estudar por neles receber preciosos ensinamentos.

Como êle descreve Teófilo Braga... D. Alberto Bramão triunfou naquela memorável época, porque dispunha como os grandes escritores do precioso requisito — poder de observação, exactamente o que celebrou Eça de Queiroz, saudoso Camilo, tantos outros Gigantes que passaram.

«CARTAS DO GEREZ» — Um hino arrebatador que o Poeta e Prosador João Maria Ferreira dedicou àquela Maravilha que ornamenta o atraente recanto do florido Minho.

«Cartas do Gerez», dispensa enaltecer o talentoso pensador que desde os Bancos da Escola, só o domina a inquietação espiritual, ainda joven se revelou um artista na poesia, rapidamente a vocação o colocou ao lado dos Mestres que o apreciam e no trinta e três livros que a Crítica aplaudiu, conduzindo-o à notoriedade, com provou o talento que hoje o distingue um poeta e prosador de elegância afirmado. Nós, que somos severo frio, nos julgamentos a labores, desde anos a nossos dias que o apreciamos comentámos, acamaradando com os letrados que desde anos passados j

Respiços...

NEGÓCIOS...

Conta assim um jornal do Norte:

«Numa arrematação de diversos lugares vagos nos diferentes mercados do Porto, cuja base era de 50\$00, os respectivos lances, progressivamente, alcançaram, 5 000\$, 0.000\$00 e — por fim — 71.000\$!»

Isto é que são negócios de esfarparem a camisa ao pobre «Zé».

O BACALHAU

Fala assim «O Democrata», de Aveiro:

«Os vinte navios que o ano passado daqui partiram para a pesca do *ex-fiel amigo*, desembarcaram no regresso, 11.111.580 quilos de bacalhau verde; 87.031 de caras; 64.218 de línguas e 96.655 de óleo de fígados, tudo no valor aproximado de 50.000 contos.

Tanto, para nem o rabo se lhe enxergar!...»

VER e CRER A melhor revista no seu género. R. dos Fanqueiros, 235. Lisboa.

consagraram; afirmámos ao público que é difícilimo à Crítica dizer-vos qual dos sonetos ora apresentados pelo título «Cartas do Gerez» é o mais encantador, que lidos, arrebatam o coração da Mulher e a um céptico.

«O TRIPEIRO» — Não apresentamos nesta Augusta Tribuna qualquer individualidade, sim a Revista Mensal de Educação e Cultura ao Serviço da Cidade e do seu Progresso, dirigindo-a sua Divisa o Porto — Pelo Porto.

Orienta-a superiormente o respeitável talento que distingue o erudito etnógrafo Dr. A. de Magalhães Basto, brindando a Cidade Invicta e seu Distrito, organizou um grupo de colegas científicos que constituem a Redacção.

Publicidade invulgar, capas exigindo a côres os célebres monumentos no que é poderoso o Burgo de onde nasceu o nobre título de Portugal.

Páginas ilustradas em papel de superior qualidade, soberbo na parte gráfica, apresentando em artigos até onde pode chegar a ciência nos estudos de investigação ao Cascabulho do passado, o que em todos os tempos foi e será o Berço do grande infante D. Henrique, Garrett, Sousa Tiberbo, sem conto os inúmeros filhos que souberam chegar ao abraço da celebridade.

A História desde o nascimento daquela parcela do nosso território, exige o desenvolvimento em que a xpõe «O Tripeiro», para completo conhecimento, merecido aprêço, da eração desta nevrótica época dos modernismos incompatíveis com a nossa tradição.

Uma Revista como esta, grande físsil que o portuense deve venerar, deviam editar todas as cidades, mesmo vilas, idêntica publicação mensal, lar bem ser conhecido Portugal.

R. Laranjeira

O ETERNO TEMA

Serviços postais

Correio da última hora

Está estabelecido, e muito bem, que a correspondência da última hora tenha franquia especial, talvez para compensar o serviço que é preciso fazer à pressa, e, certamente para evitar que os atrasados e os descuidados apareçam no último minuto a desorganizar o trabalho. Também mas forçando bastante a nota, achamos razoável que se impeça aos interessados, meterem a sua correspondência na caixa privativa da camioneta. A concorrência com esta determinação é já muito condicional e exactamente porque não nos põe em paridade com o que sucede em muitos outros lados.

Para não irmos mais longe, citamos o que se passa em relação aos combóios. Querem mais última hora do que ir levar as cartas ao próprio combóio?

Mas continuemos, para chegarmos onde desejamos.

E' proibido meter o correio na caixa da camioneta sem o selo da última hora. Entretanto o veículo está de partida, já com as malas em cima, e não há tempo de ir comprar o selo. Nesse momento e por motivo de força maior chega um pacífico cidadão para fazer seguir um triste postal. A todo o mundo pode acontecer isto, pois ninguém está livre de chegar atrasado onde pretende chegar cedo. Não pode meter o postal na caixa da camioneta, pois não é permitido; não pode ir aos C. T. T. comprar o selo, pois quando regressa já o carro tem saído. Que pode então fazer? Olha é ver ir a carriola a caminho de Pombal o que já não é pouco para regalo da vista e consolo da alma. Isto não é servir bem o povo, não senhor. Porque não se deixa livre a caixa da camioneta?

Distribuição

de correspondência

Enfim, lá vai mais uma vez este malfadado assunto. Nós, graças a Deus, temos viajado por muita banda, e sabem o que temos visto, dentro do bastante que vimos? Nada mais nada menos do que um ou mais carteiros a distribuírem correspondência, mas a tempo e horas e

em todos os dias. E aqui o que vemos? Aos domingos, para começar, não vemos nada. Sim, não vemos nada, a não ser o movimento da praça. Sabemos que nos C. T. T. há cartas, postais e encomendas, mas também sabemos que nesse dia nada vem ter às nossas mãos como nas demais terras da categoria desta. Lá diz o padre Manel Bernardes: *Quem quer vai, quem não quer... espera*. Nos outros dias, já vemos alguma coisa, sim senhor. Por via de regra vemos o carteiro à nossa porta a horas tais que não nos é possível respondermos à correspondência recebida, se é que temos de responder. A's vezes mesmo até depois da camioneta ter dito adeus a estas paragens.

Quando acabará isto? Como já não cabem mais promessas no saco, desejávamos ver o caso solucionado. Pois se nós temos de pagar os selos *el contado* e ninguém nos fia, queremos ser bem servidos.

Caixas de Correio

Antigamente, poucos meses depois de Deus Nosso Senhor Jesus Cristo ter subido ao Céu, havia por aí umas caixinhas vermelhas onde era uso e costume meter a correspondência. Agora, época em que por todo o mundo o progresso e a comodidade pública são factos palpáveis, há a caixa do correio e um marco na praça. Em nosso entender achamos pouco, muito mesmo. E se não, vejamos: a Vila nasce no Valinho e vai desaguar por duas bocas uma no Souto do Vale e outra na Volta da Estrada. Pelo menos lá estão as placas a atestar isso. Qualquer destes pontos, especialmente a Volta da Estrada são populosos, e ficam distantes do centro da Vila, onde está o marco a que aludimos. E que sucede? Isto simplesmente: quem pretende fazer seguir uma carta tem de ir dar uma passeata, quer queira, quer não queira. Faz muito bem depois de almoço, lá disso é verdade. A distribuição de caixas pela Vila dá muito trabalho a um só carteiro?

O público nada tem com isso. Que venham dois ou três, ou os que forem precisos.

Parece que só a Ex.^{ma} Administração Geral dos Correios, tem competência para resolver isto.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço fica para o próximo número a notícia da visita a esta vila do «Quinteto Típico» da Sertã, que entre nós, diga-se de passagem, deixou as mais gratas recordações.

CARTÕES DE VISITA, executam-se nas oficinas deste jornal. Rapidez e perfeição.

1.º de Maio

Como o dia de hoje é consagrado ao braço trabalhador do mundo civilizado, encontram-se encerradas as oficinas e escritório de «O Castanheirense».

CAFÉ CENTRAL

O melhor desta Vila
Telef., 16 — Cabine Pública, 2

HOMENAGEM

«Os Sete Leais»

No dia 17 do corrente reuniram-se, em Montes Claros, apreciável lugar nos arredores de Lisboa, num banquete de homenagem ao seu estimado consócio e amigo, sr. Francisco Pena, os componentes do Grupo Excursionista «Os Sete Leais», srs. José Bento, Armando Caetano Simões, Francisco Miranda, Manuel Miguel, Florenço Quaresma, Francisco dos Santos, António dos Santos Ribeiro, e ainda os convidados, srs. Diamantino Barata, Pedro Henriques, Carlos de Castro, Artur Miguel, Aliredo Ribeiro e Alvaro Sacramento.

No final do repasto, que decorreu animadíssimo, entre a mais espontânea e viva confraternização, trocaram-se amistosos brindes, tendo o presidente do Grupo, dirigido as seguintes palavras ao cavaheiro ali venerado:

«Apraz-me neste momento de alegre confraternização e alegria endereçar ao nosso colega e querido amigo sr. Francisco Pena, os nossos parabéns e saudações muito sinceras pelo feliz êxito da melindrosa operação cirúrgica a que se sujeitou, congratulando-nos simultaneamente pelo seu regresso à actividade comercial e ao convívio amigo de todos nós que tanto o admiramos pelos seus belos dotes de carácter e coração.

E porque assim é, todos sentimos grandemente a sua doença e com ela nos preocupamos dentro do sentimento dos seus verdadeiros amigos. Assim, é-nos muito grato beber pelo seu completo restabelecimento, pelas suas felicidades, dos seus e de nós também»

Esta significativa homenagem sensibilizou profundamente o sr. Francisco Pena que foi muito cumprimentado por todos os presentes, agradecendo, comovido, as provas de estima com que acabava de ser distinguido.

João de Barros

Regressou ao seu lar — exemplo de dedicação e carinho — o nosso querido amigo, Sr. João de Barros.

Este estimado industrial do nosso meio, deu orou-se alguns dias em Coimbra onde sofreu melindrosa operação na Clínica do Ilustre Professor Doutor José Bacalhau.

Por sabermos que tão dedicado castanheirense se encontra livre de perigo apressamo-nos a apresentar-lhe as nossas fervorosas felicitações.

Batata, fava e ervilha

A Lisboa, idos da região ribatejana e vindos do Algarve e sul do Alentejo, têm chegado grandes quantidades de batata, ervilha e fava, tendo baixado o preço destes géneros.

DECLARAÇÃO

Para todos os efeitos legais venho declarar que anulei a procuração que passei ao Sr. Dr. Domingos Correia Diniz Pimentel, actualmente residente em Castanheira-de-Pêra.

Escalos Cimeiros, 24 de Abril de 1946.

José Tomás Antunes

Carreira Diária de Passageiros

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa
Concessionários:

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.^{da}
Séde—FIGUEIRÓ DOS VINHOS—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacaven	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacaven	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg	Part.		Cheg	Part
Coentral	—	5,40	Coentral	—	17,50
Bolo	5,55	—	Bolo	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras || Efectuam-se às quinta-feiras

Garage em Lisboa Auto-Lys R. da Palma-Tel. 21363

ALBERTO Lopes

Rua Duque da Terceira, 123—Telefone 4401

PORTO

Maquinismos e seus pertences para as indústrias textis. Especialidade em correinhas e botas para aparato de cardas; correias de couro, atilhos e ganchos para coser correias; cordas de algodão, cordão para fusos e todos os acessórios em couro para teares. Fuso no riço verde. Cartão para prensa e teares. Cardo vegetal, etc., etc.

TRAPPOS

PARA A INDUSTRIA DE LANIFÍCIOS

L. FARGE, L.^{da}

RUA DO FREIXO, 1291 — PORTO

Telefones: Urbano 4494 e Estado 197 Endereço telegráfico: EGRAF—Porto

Casa especializada estabelecida há 40 anos em Portugal e há mais de 100 anos em Espanha

Logo que o restabelecimento da normalidade o permita, voltaremos a apresentar à nossa clientela os escolhidos algodões indianos que forneciamos antes da guerra e tão apreciados foram sempre pela indústria de lanifícios nossa cliente

AGENTES: (José Coelho Junior — Castanheira de Pera)
(António Pereira Pais Espiga — Covilhã)

Eduardo Pereira Pinto & Filhos

Telefones PBX (Fábrica: 1668)
(Escritório: 133)

Endereço Telegráfico: DORATO

FÁBRICA DE ACESSÓRIOS PARA FIAÇÃO E TECELAGEM

A maior organização do género no País

Fábrica e Escritório: Rua do Duque de Saldanha, 150 — PORTO

Lços metálicos, em aço. Grampos de aço temperado. Caixilhos (Perchadas) Malhões e Tirantes. Molas espirais. PENTES. Latas de Fibra Vulcanizada para Fiação. Cartões de Aço para Teares Romanos. Bobines em Madeira. Canelas Lançadeiras de todos os tipos. Pinos de Madeira. Tempereiros. Pinças. Tezouras de Tecelão. Ganchos para coser Correias, etc.

Esta Casa tem sempre, para entrega imediata, todos os artigos de seu fabrico a PREÇOS CONVINDATIVOS.

AGENTE em CASTANHEIRA DE PERA: José Coelho Júnior — Telefone 16. Tem em Depósito os Nossos Artigos

Oficina Mecânica

DE MÁRMORES E CANTARIAS

Casa fundada em 1 de Janeiro de 1920

— DE — Aparicio Cardoso

Rua Voluntários da República, 56 TOMAR Telefone N.º 90

Encarrega-se de jazigos, campas, mausoleus, pedras para móveis e balções, frentes para estabelecimentos, cantarias para obras e todos os serviços que digam respeito à sua arte.

Enviem-se desenhos e orçamentos a quem os solicitar

Agente em Castanheira de Pera e Região

José Coelho Júnior

CASA DOS LINHOS

TRIXEIRA DE ABRIL & C.ª, L.^{da}
32, 33, 34—Largo 28 de Maio
35, 36, 37—GUIMARÃIS

Fabrico especial de panos de linho, atalhados, panos de algodão colchas e bordados regionais

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

Val a Lisboa?

Hospede-se na PENSÃO CASTANHEIRENSE, junto à Igreja de S. Domingos, a mais central de Lisboa

Luxuosamente ampliada, com esplêndidos quartos. Optimo serviço de mesa e a preços acessiveis. Máxima seriedade

Rua dos Correeiros, 264, 2.º dt.º e Esq. — Telef. 28454 em todos os andares

LIMPOPE

A CAMISA preferida pelas Élite porque é CAMISA de ÉLITE!

Vende José Coelho Júnior
Castanheira de Pera

O Jornal VAI ao fim do Mundo. Com o Jornal pode ser conhecida a fama dos produtos que cada um fabrica ou vende.

DIRECÇÃO DE
MARCUS

Página Literária

MAIO
1
Quarta-feira

Para todos...

DE ONDE VIRÁ ESTE CLAMOR?

NOTAS

Bibliográficas

QUEM tem por missão lidar com crianças, mas lidar com o fim de as educar e instruir, quem tem por missão, repito, moderar almas e corações dos filhos dos outros, de modo a conseguir seres espiritual e moralmente perfeitos, sem lhes destruir a personalidade, antes, fortificar-lha, se for escrupuloso, tem infalivelmente de se sentir muitas vezes preocupado, algumas vezes verdadeiramente aflito e sempre encarando o problema seriamente, que não admite brincadeiras a formação de uma pessoa que amanhã terá, por sua vez, responsabilidades tão bem, perante Deus, perante a Pátria e perante a Família que constituir, ou seja a sociedade de que faz parte.

A educação é uma luta contínua, embora tão subtil que dela não haja a mínima percepção, contra a influência do meio, quando maléfica, contra as larvas de família, quando remediáveis, contra o próprio instinto da criança, que sempre tem arestas que limar, e em agudas por vezes.

E na maioria dos casos, o mestre só, pobremente só, para efectuar um trabalho que deveria apenas orientar e completar.

Quando pelos seis ou sete anos os pais levam as crianças à escola, suavam, quasi todos, que vai começar a educação do menino — dizia eu há tempo — mas a verdade é que os quatro ou cinco anos, que a frequentam são quasi nada para combater os erros com que entram, quanto mais os que vão adquirindo. E por isso: — Salvo raras excepções, além do trabalho que cada criança particularmente exige, o professor tem de enfrentar os defeitos e virtudes do resto da família: ignorâncias, petulâncias, mimos incompreensíveis, doutrinas, leis que não estão no Código, enfim, uma série interminável de porreimentos, que só podem ser evitados por quem de perto lida com o povo. E é assim mesmo.

Os principais inimigos das nossas crianças, são os próprios Pais. Por cécia, por desleixo, por vaidade, por ignorância, contrariam a obra educativa e são obstáculos muito de ponderar.

Cria parece-me que seria tempo de cada família compreender que seus afofou, não com o fim único de satisfazer instintos animais, mas de assegurar a continuação da espécie, tanto mais aperfeiçoada, quanto melhor educada no seio da família. Mas o quadro com que nós deparámos é sempre este: a criança pobre, mais fácil de moldar, porque contra na Escola o carinho e o conforto que em casa escasseiam, é vítima de mil faltas, que poderiam ser evitadas se Pai e Mãe, neste caso os pais, principalmente, tivessem o espírito de sacrifício e compreensão de o fazerem despesas supérfluas e rigorosas, de modo a proporcionarem aos filhos, em idade escolar, o tratamento indispensável para que seu aproveitamento fosse profícuo. Esse aproveitamento depende de um mínimo de veuário, de alimentação, de carinho, bons conselhos e a prática, que algumas horas de convivio familiar roubadas com van-

A António Maria Saraiva, espírito inteligente e meu ilustrado Camarada na Imprensa

*De onde virá este clamor dentro da noite
Que acorda os homens do sono calmo
E os deixa inquietos?
Virá dos gemidos das Virgens, boiando lívidas, nas águas turvas?
Virá das baleias fugindo, velozes, para os mares do Norte?
Virá das ilhas que estão surgindo no meio dos Mares?
Ou do balanço dos navios nos cais perdidos... Virá este clamor?
Virá dos longos uivos dos lobos lá da serra, entre gelos?
Virá das janelas escancaradas das casas abandonadas?
Virá da ventania que está vergando as árvores?
Ou dos telefones distantes... Virá este clamor?
Virá dos gritos dos nossos irmãos que estão lutando?
Virá das negras asas sobre as planícies infinitas?
Virá dos galgos que estão correndo, desesperados, para a Aurora?
Ou virá da vida, virá da morte; virá do Mundo este clamor?*

*De onde virá este clamor, dentro da Noite?
Que acorda os homens do sono calmo,
Deixando-os inquietos?
De onde virá este clamor?*

*Responde o Sol que dealba perto:
— Da noite escura da visão dos homens!*

PEREIRA DA SILVA (PEDRO)

tagem em cada dia, à taberna facilitariam, na maioria dos casos.

A criança rica, vaidosa, voluntariosa, apoiada nuns paternos mimos que se não justificam, pois os Pais ricos não são mais amigos dos filhos que os pobres — apenas podem melhor satisfazer os seus apetites sem os privar do necessário e do supérfluo — é menos dócil, mais teimosa e com veleidades de sabedorias que de casa trouxe e nem sempre são a firme expressão da verdade.

Com um pouco de boa vontade e inteligência, era fácil, afinal, enveredar por um caminho mais sensato. Bastava que todas as famílias se convencessem da importância do papel que têm de desempenhar junto dos pequeninos que Deus lhes confiou. Bastava que se convencessem de que quanto mais bondosos e trabalhadores forem os seus filhos, tanto mais probabilidades têm de se tornar queridos e úteis, de serem felizes, de facto. Bastava, finalmente, educá-los no amor de Deus e do próximo, na prática da caridade tal como o espírito cristão a compreende, não caridade espectacular que pouco mais beneficia que a vaidade de quem a pratica, mas essa caridade verdadeira, que ricos e pobres podem praticar, não só com dádivas que minorem faltas materiais, como abrindo os corações a todos que necessitem de refugio para as suas dores, as espirituais e morais por vezes mais atribuladoras que propriamente as físicas.

MARTA

Trechos escolhidos

«Enfim, recebi a tua resposta, hoje, às quatro horas, quando já desesperava de a receber. Li-a e reli-a muitas vezes para achar nas entrelinhas o Indizível, aquilo que não pudeste exprimir, o segredo da tua alma, qualquer coisa de mais vivo e mais doce ainda que as palavras escritas no papel inanimado... Tenho um terrível desejo de te ver... Procuro, inutilmente, na carta, os sinais da tua mão, do teu hálito, do teu olhar.

Não sei que daria para ter, ao menos, uma ilusão da tua presença. Manda-me uma flor que tenhas beijado muito, marca na carta um sinal onde tenhas colado longamente a boca, faz-me sentir na imaginação uma carícia tua enviada de longe:

De longe! De longe! Há quanto tempo te não vejo, te não tenho nos braços, te não vejo empalidecer? Há um ano? Há um século? Por onde tens andado? Por que terras? Por que mares? Passo as horas, inerte, cismando. O meu quarto tornou-se fúnebre como uma capela subterrânea. Às vezes vejo-me estendido no caixão, contemplo-me na imobilidade

A História daquela Torre, por Mariac Dimbla — Editora Bolsa Cultural Largo do Calvário, 25-26 — Lisboa

Travámos conhecimento com esta escritora pelo seu romance «A História daquela Torre». Desde já nos cumpre o dever de declararmos o prazer que sentimos com tal conhecimento, porquanto se nos afigura muito proveitoso.

Mariac Dimbla deleitou-nos com um romance de maravilha, cheio de amor e de mistério, com um sabor bastante acentuado de Idade Média. Ante o nosso espirito desenrolam-se cenas que nos arrebatam e nos transportam ao seio dos cavaleiros de outrora, cantando trovas às púdicas castelãs, ao mesmo tempo que tomavam a peito a defesa das donzelas e viúvas... A notável escritora alia à ficção própria do romance a forte realidade da vida na Legião Estrangeira e na guerra civil espanhola. O Amor, nobre sentimento pôsto ao serviço de duas almas corajosas, mistura-se a tudo isto de uma forma comvente e faz do livro uma obra de muito mérito, cheia de interesse e de movimento. Agora, um só reparo: Não acha, Mariac Dimbla, que é muito perigoso saltar-se da janela duma torre para o quarto duma rapariga de quem gostamos e que se sabe gostar de nós? Não se infira disto que o romance é imoral! Pelo contrário, é muito moralizador e por isso o recomendamos a toda a gente, principalmente a senhoras. Substitue, com vantagem, a literatura armazenada nas colecções azuis e brancas que andam por aí e que não dizem nada a respeito da nossa terra.

Agradecemos-lhe o obséquio de nos enviar um outro exemplar desta obra, pois o que temos pertence à redacção do jornal em que estas referências se publicam.

Desde já agradecidos.

Pelo pouco que vemos neste livro, verificamos que a Editora Bolsa Cultural está realizando uma obra de extraordinário valor adentro das letras nacionais e na divulgação do romance espanhol, tudo dedicado às mulheres portuguesas. Parece-nos não ser audacioso augurar-lhe um êxito retumbante. O futuro o dirá. Esta «Colecção Ibérica» tem já um outro volume «Manuela». Não o conhecemos.

Cá esperamos os novos livros.

Marcus

NESTA SECCÃO far-se-á a crítica literária de todos os livros de que nos sejam enviados dois exemplares.

da morte, com uma imperturbável lucidez»

—Lembras-te?—disse Ippolita.— Foi da primeira vez que eu saí de Roma, só por quinze dias...

(Do livro «O Triunfo da Morte» por Gabrielle D'Annunzio)

PORQUE SE teme a velhice?

A vida humana pode dividir-se em diferentes períodos, cada um dos quais se distingue por prazos definidos, de características especiais. Só o último — o da velhice — não se especifica por limites precisos e determinados.

Sendo hoje reduzidíssimo o número de pessoas que atingem a verdadeira velhice, que os 80 anos iniciam, outrora, esta idade era a que melhores condições apresentava para realizar eficazmente os mais variados feitos e obras de requintada delicadeza, nas ciências, letras e artes.

Tenhamos em vista Platão, que ensinava aos 80 anos na Academia por ele fundada. Sócrates já atingira a mesma idade, quando estudou música.

Goethe acabou a ópera «Fausto» na véspera dos seus 83. Ticiano era um dos mais célebres pintores aos 98 anos.

Won Humboldt completou o «Cosmos» aos 90 anos. Won Moltk estava em serviço activo aos 88; etc., etc.

O avanço da idade produz nos espiritos fracos um certo calafrio de terror. Porque?

E' crença geral que as ideias ganham impulso quando germinadas e desenvolvidas dentro de cérebros que uma longa vida prestigiou, doando-lhes iniciativa, esforços, vontade inacessível a desalentos, espírito de sacrificio, competência e perseverança.

Em velho, como em novo, se pode trabalhar em favor da riqueza pública, porque «palavras sem obras», são tiros sem bala, que atroam mas não ferem», como disse Vieira.

A memória é um arsenal de matérias intelectuais de que o entendimento se fornece; e não são os velhos os que desmerecem desta fama; notando-se hoje que não atingiram ainda os 50 os que mais padecem dessa falta.

O prestígio da velhice é tão atraente que Bernard Shaw recebe todos os dias cartas de amor, assinadas pelas mais lindas mulheres de algumas classes sociais. E sabem que idade tem este escritor? Já têm 85 anos.

E digam-me agora: — Porque se teme a velhice?

Maria Neves da Silveira

Manuel Brinca

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DOS OLHOS

Rua Ferreira Borges, 162, 2.

(À PORTAGEM)

Consultório 3039

Telefones: Residência 3509

COIMBRA

FERNANDO GAMA

Fanqueiro — Retrozeiro
MODAS

37, R. dos Remédios, 37-A

(Alfama)

LISBOA

Telefone: 2 7165

DOS BONS CONSELHOS

O tabaco e os menores

Entre as muitas coisas impróprias que nos deparam as ruas das terras portuguesas, figura a do uso do tabaco pelas crianças. Menores de 6 e 7 anos julgam-se já no direito de imitar os adultos, passando por nós de cigarro na boca, muito orgulhosos, convencidos de que representam assim um lindo papel e que, seguindo os exemplos dados por seus pais e em geral pelos adultos com quem privam, manifestam uma acção respeitável e invejável.

A deficiência da nossa educação cívica e o desprezo a que, pelo comum, os portugueses votam os assuntos de ordem educacional e profilática, permite (quando não aplaude) êsses anacronismos, sem pensarem que com essa permissão e êsse aplauso contribuem para que se gere e se perpetue a onda da indisciplina e da degenerescência física.

Bell Taylor, médico inglês, especialista em doenças oculares, declarou que todo o homem fumando quinze gramas de tabaco por dia, quantidade não muito avantajada, contribui poderosamente para a perda da vista. E como achasse pouco, o mesmo sábio pôz o aumento do cancro à conta do uso do tabaco. Reportando-se ao influxo do cigarro e mais fumestíveis na génese das afecções cancerosas, elucida, «o fumar destrói o epitélio da língua e produz psoriasis que podem dar lugar ao cancro.»

Usado pelas crianças, o tabaco atinge o ponto máximo de prejuízo, e assume um carácter gravíssimo, quer sob o aspecto moral e físico. Já Napoleão III

vira êsse perigo mandando examinar os rapazes das escolas governamentais, verificando-se que os fumadores eram tão inferiores em corpo, inteligência e moralidade, que o uso do tabaco foi rigorosamente proibido em todas as escolas.

O Dr. Hyde diz: «os que fumam muito são sempre fracos estudantes».

Por seu turno, o sábio Dr. Irumbull, concluiu das suas numerosas experiências que o fumar atrasa o crescimento e afecta a saúde. Declarou que esta circunstância é do mais alto valor no sentido da formação do carácter. Falando dos estudantes, afirma: «Mais de 60% dos que não conseguem colocação por motivo de inferioridade nos estudos, são fumadores.»

O resultado a que chegou outro médico não menos eminentemente, o Dr. Luigi Ferriani, confirma as afirmativas acima. Cinco professores do ensino elementar auxiliaram um inquerito, cujas conclusões foram: em 350 crianças cuja idade variava entre 7 e 12 anos, pertencentes a todas as classes sociais, os fumadores eram 54%! E muitos deles fumavam tabaco «Virgínia» em cachimbo! Afirmaram os professores que os pequenos fumadores são os alunos menos aplicados e mais indisciplinados. Distinguem-se por irrequietismo, o que denuncia um sistema nervoso excitado. Nas suas faces pálidas revelam-se claramente os terríveis efeitos da nicotina.

L. P. P. S.

COBRANÇA

Dados os grandes encargos que temos, vimos respeitosamente apelar para todos os nossos estimados assinantes e muito especialmente aos residentes no estrangeiro e nossas colónias, o favor de liquidarem as suas assinaturas em atraso.

Dr. Fernando Lacerda

Director da 1.ª Clínica de Oftalmologia do Dispensário Policlínico Central Ex-Assistente da Faculdade de Medicina (Instituto de Oftalmologia Dr. GAMA PINTO)

Doenças dos Olhos
Operações

Calçada do Carmo, 6, 1. D. (Rossio)
Telefone 2 2070

Lisboa

Consultas às 17 horas, excepto as 5.ªs feiras

José Gomes

Médico I. dos Hospitais

Doenças da boca e dentes

Consultório: L. do Chiado, 15-1.º

Telefone: 2 3925 — LISBOA

PENSÃO FAMILIAR

Castanheira-de-Pêra

Almoços. Jantares. Pensão completa

A'gua corrente. Casa de banho

Eduardo Silva
CASTANHEIRA DE PÊRA

Telefone:

UM TRÊS

Dr. Albano Coelho

INTERNO DOS HOSPITAIS

Ouvidos, Nariz e Garganta.
Operações

Calçada do Carmo, 6, 1., D. (Rossio)

Telefone 22070

LISBOA

Consultas às 17 horas

A BEM DO PÚBLICO

A Intendência Geral de Abastecimentos, como as Comissões Reguladoras, foram criadas em face das dificuldades que a crise económica originada pela guerra trazia ao abastecimento das populações. A sua finalidade é, portanto, apurar, reduzir, anular tais dificuldades. Foram criadas para proporcionar ao público facilidades na distribuição e aquisição daquilo de que êle precisa, in dis pensá velmente para viver. Foram criada para defender o público da especulação, da ganância, do assambarcamento com que negociantes menos escrupulosos estavam dificultando o viver das gentes consumidoras.

A I. G. A. e as C. R. não existem, portanto, para prejudicar ou para hostilizar o público. Existem sim para o defender, para o acautelar, enfim, para o proteger.

Logo o público consumidor deve ir para êsses organismos com a certeza plena de que ali será recebido e tratado com todas as atenções, com toda a urbanidade, com toda a consideração.

E assim é que tem de ser.

Dos nossos Amigos

Na Administração do nosso jornal foram pagas as assinaturas dos senhores:

Carlos Alves, do Caramulo; José Coelho da Silva, da Graça (Figueiró-dos-Vinhos); João Aragão, do Porto; Anselmo Miguel, da Louzã; Acácio Francisco Teixeira, da Amoreira (Pampilhosa da Serra); Manuel Maria, da América do Norte, por intermédio da senhora D. Feliciano Rosinha de Carvalho, desta vila; Olin do Abrantes Malheiro, do Troviscal; Mário Carlos Mendes, de Lisboa; António Coelho de Novais, de Loures; Domingos H. Coelho, dos Pisões (Castanheira-de-Pêra); Francisco Agostinho Pêna, de Lisboa.

Pelo correio liquidam os seus recibos os nossos subscritores, senhores:

Alfredo S. Conceição, Angel David e Silva, Arnal Silveira Herdade, Antero S. Barreiros, Antero A. Simões Seguro & C.ª, L.ª, António Andrade, António Carvalho Rosinha, padre António Inglez, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Constantino David dos Reis Domingos de Barros, F. R. Ferreira Francisco A. Sequeira e Francisco S. Agria Júnior, todos de Figueiró-dos-Vinhos.

Os nossos agradecimentos.

José Bebiano C. H. Silva

ADVOGADO

Castanheira-de-Pêra

A's segundas-feiras em FIGUEIRÓ-DOS-VINHOS

Henrique Lacerda

ADVOGADO

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TELEFONE 2

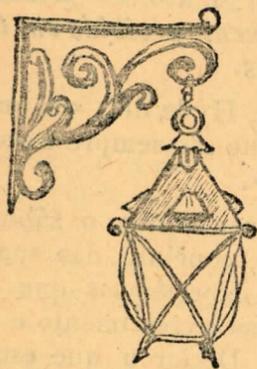
Em Pedrógão Grande:

A'S SEGUNDAS-FEIRAS

O Castanheirense

Visado pela Comissão de Censura de Coimbra

ASSINATURAS: Quadrimestre 7\$20 Cobrança pelo correio mais 1\$00	PUBLICA-SE NOS DIAS 1, 10 e 20 DE CADA MÊS	ASSINATURAS Estrangeiro: ano 41\$00 Império Português: ano 33\$60
---	--	--



Museu Etnográfico

Tochas e Archotes



É COSTUME nesta época do ano litúrgico, nas localidades onde se realizam as cerimónias da Semana Santa conduzem-se

acesos tochas e archotes nas procissões. O uso destas luminárias, usadas entre nós também nos cortejos cívicos, vem-nos dos tempos dos romanos. Certamente foram deixados por eles quando o império romano esteve de posse da Península. As tochas eram conhecidas entre os romanos pelo nome de «taedae», e os archotes, pelo de «faces». Algumas vezes a parte combustível era adaptada a um porta-facho de forma elegante a poder empunhar-se. Usavam-se nos casamentos, nos funerais, em cerimónias nocturnas, em viagens. Nos casamentos, três jovens acompanhavam a noiva: dois davam-lhe o braço e o terceiro, que os precedia, levava o facho. Adiante dela iam mais cinco archotes, denominados «faces nupciales». Por alusão a tal uso, embora já se não use entre nós, êsses fachos são ainda conhecidos por «fachos do hymneu».

A tocha usava-se, como dissemos, nos funerais. Daí nos veio a expressão «inter utrumque facem» que significa entre o casamento e a morte. Os que viajavam de noite eram precedidos de um escravo que conduzia uma tocha ou um archote. Por isso em Suetónio se lê: «Tonanti Jovi aedem consecravit, liberatus periulo, quum in expeditione cantabrica per nocturnum inter lecticamejus fulgur praestouxisset, servumque praelucentem escassimasset» (Oct. 29). Algumas vezes, principalmente em triunfos nocturnos, os archotes e as tochas eram levados por elefantes. Os romanos também faziam uso do azeite para se alumiar em público. Conheciam também as propriedades da cera quanto à iluminação, mas reservavam-na para a escrita. As velas de cera para a iluminação também já eram do seu conhecimento, pois já as usavam.

Penamacor — Semana Santa — 1946.

Professor JOSÉ MANUEL LANDEIRO

Dezoito anos no governo da Nação

Ocorreu, no sábado, o décimo oitavo aniversário da entrada do Sr. Doutor Oliveira Salazar para o Governo da Nação como titular da pasta das Finanças.

A sua acção, que nunca esmoreceu, criou uma obra, uma admirável obra de projecção internacional que deve ter a admiração de todos os portugueses.

DOS CTT

Da Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones, recebemos uma informação respeitante à local que pedia a nomeação de um guarda-fios para Pedrógão Grande, publicada no nosso número de 10 de Fevereiro findo.

Pròximamente forneceremos as informações pedidas.

Inspecção de automóveis

Deixou de ser obrigatória a inspecção de veículos automóveis e carimbagem de livretes de consumo de gasolina, pela Polícia de Viação.

Seguros EM TODOS OS RAMOS

José Coelho Júnior. Cast.-de-Pêra



Partidas e chegadas:

A passarem as Festas da Páscoa estiveram nesta vila os srs. Pompeu Bebiano Carreira e sua esposa; Dr. Albano da Encarnação Coelho, médico em Lisboa, e esposa; Manuel Tomás Pinaz, sócio da firma J. Pinaz & C. Lda, de Vizeu e esposa, senhora D. Maria de Lourdes Coelho Pinaz; Gromecindo Tomás Pinaz e senhora D. Alda Tomás Pinaz; Dr. Sérgio da Gama Henriques, Conservador do Registo Civil em Borba; Domingos Simões Coutinho, comerciante na Capital, sua esposa e filhos; Fausto Tomás, filho do sr. João Joaquim Tomás, armazenista de lanifícios e industrial, de Lisboa; Domingos da Silva, comerciante na Capital, sua esposa, netos e filho, sr. Pompeu Nolasco da Silva, engenheiro-chefe das Fábricas de Etas. No Troviscal, os srs. José Mendes, sócio do armazém de lanifícios, «Lanifícios de Lisboa, Limitada»; Ilídio Tomás Henriques Santos, industrial em Vizeu, e esposa.

— Nesta vila cumprimentamos o sr. António Alves Correia, comerciante na cidade do Pôrto.

— Em casa de seu pai, nesta vila, esteve o sr. Dr. António Mendes David, funcionário superior do Banco Pinto & Sotto Mayor e editor do jornal, «O Bemfica».

Doentes:

Da Casa de Saúde da Trindade, no Pôrto, saiu a senhora D. Maria Júlia de Oliveira Amen Pereira da Silva, filha do nosso querido amigo sr. Alvaro de Oliveira Bastos, probô comerciante na cidade Invicta.

Folgamos, sinceramente, com a notícia do completo restabelecimento da bondosa senhora.

✱ Tem experimentado melhoras da operação que o forçou a recolher ao leito, o nosso estimado amigo, sr. Alvaro de Oliveira Bastos.

Desejamos-lhe rápido restabelecimento.

✱ De Coimbra regressou a senhora D. Alda de S. José Oliveira Bebiano e sua gentil filha, menina Maria Luiza de S. José Bebiano. Esta última entrou em franca convalescença, após terrível enfermidade. A esposa do nosso amigo sr. Gil Alexandre Bebiano, continua em tratamento, tendo experimentado ligeiras melhoras. Desejamos a saúde de ambas.

✱ Em Coimbra, nos Hospitais da Universidade, sujeitou-se a melindrosa operação ao estomago, o nosso amigo sr. Domingos Alves Bebiano, industrial de lanifícios.

Sabemos do bom êxito da intervenção cirúrgica, com o que muito nos congratulamos.

Foram operadores os eminentes Professores Srs. Doutores Bissaya Barreto e José Bacalhau. A assistir deslocou-se a Coimbra o nosso prezado amigo, Sr. Dr. Ernesto Marreca David, médico nesta vila.

✱ Para Lisboa seguiu o sr. Abílio Simões, do Coentral das Barreiras, afim-de se submeter a uma operação.

✱ Em Pedrógão Grande tem estado doente a senhora D. Júlia da Conceição Filipe, dedicada esposa do sr. António Joaquim Filipe, daquela vila.

✱ No lugar do Pizão tem estado doente o nosso assinante, sr. Manuel José, residente em Lisboa.

As avessas...

«Em Abril, águas mil», é da remota voz do povo. E aquê Abril que há poucas horas deu a alma ao passado, cumpriu a maravilha com a sentença popular.

Desde a cacimba à chuva pesada, da brisa ao temporal, do relâmpago ao trovão, do frio arripante à neve artista e formosa, tudo nos visitou com aborrecida insistência!

Positivamente que tudo caminha às avessas — até o tempo, que não quer deixar de acompanhar as evoluções...

Neste andar de invernia pegada é muito capaz de dar certo o axioma:

«Raro é o Maio que não rompe uma careca»!



O «escaravelho da batateira»

Para combater o «escaravelho da batateira» (*Leptinotarsa decemlineata*, Say) podem ser empregues os produtos e doses seguintes:

Arseniato ácido de chumbo em pó com 30% de anidrido arsénico, 750 gramas para 100 litros de água; arseniato de cálcio em pó com 40% de anidrido arsénico, 600 gramas para 100 litros de água; arseniato de cálcio em pó com 12% de anidrido arsénico, 1.300 gramas para 100 litros de água; arseniato de cálcio em pasta com 24% de anidrido arsénico, é fornecido em embalagens com quantidades correspondentes a 100 e 50 litros; insecticidas à base de D. D. T., 250 gramas por 100 litros de água; ídem, com 50% de D. D. T., 1.000 gramas por 100 litros de água; insecticidas à base de D. D. T. para aplicações em pó.

Os interessados podem colher completos esclarecimentos no Grémio da Lavoura desta vila.

Senhora do Pranto

Na povoação de Vilar de Pedro, do concelho de Figueiró-dos-Vinhos, realizou-se a tradicional festa religiosa em honra de Nossa Senhora do Pranto.

Foi abrilhantada pela filarmónica daquela vila.

Manifesto de Produção de Lã

Os criadores ou possuidores de gado ovino são obrigados a manifestar, desde hoje até 15 de Julho, as quantidades de lã que recolheram no ano agrícola corrente.

As quantidades manifestadas deverão ser expressas em quilogramas e referem-se a lã em sujo.

O manifesto será feito nas freguesias onde a lã tiver sido colhida; portanto quem tiver colhido em mais de uma freguesia deverá manifestar, separadamente, em cada uma delas.

Nas regedorias dêste concelho distribuem-se gratuitamente, pelos interessados que os pedirem, os impressos para o referido manifesto.

Aqueles que tiverem recolhido lã e não manifestarem ou fizerem declarações falsas incorrem em transgressão estatística, punível com multa de 10\$00 a 2.000\$00.

Sá Simões de Almeida

Sarzedas do Vasco, 29-4-46 — Por motivo da boa classificação obtida no concurso para Chefe de Secção de Finanças e cedendo a transferência, vai deixar-nos muito em breve este nosso prezado amigo e conterrâneo.

Não podia «O Castanheirense» deixar de lamentar, muito justamente, a falta que z no nosso meio um funcionário como sr. Simões de Almeida, que à sua reconhecida competência alia gerais simpatias, muito menos de lhe apresentar as suas sinceras felicitações pela brilhante carreira que uma nova fase da profissão lhe inicia.

Por tal distinção reuniu, este nosso amigo, em casa de seus estimados pais que residem nesta localidade, um grupo de conhecidos das suas melhores relações, manifestando assim a sua gratidão pelo merecido acolhimento com que todos o têm recebido, sendo exaltadas no decorrer do imoroso lanche as qualidades de trato e carácter de que é possuidor.

Daqui, associamo-nos às manifestações de apreço de que foi alvo o sr. Sá Simões Almeida, felicitando-o pelo êxito alcançado nas provas prestadas. — C.